

LINGUAGEM, CULTURA E MEIO AMBIENTE: A PERCEPÇÃO DOS ATORES DE MAGUARI, NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS, AMAZÔNIA, PARÁ, BRASIL

Maria Mirtes Cortinhas dos Santos (UFOPA)
Terezinha da Conceição Costa-Hubes (UNIOESTE)

Resumo: Este artigo é resultado de pesquisa realizada na Flona do Tapajós, na Comunidade de Maguari. Trata-se de atividade de pós-doutoramento na Unioeste, em parceria com Ppgsaq da Ufopa, vinculado ao Procad, com apoio da Capes. O principal objetivo foi compreender a percepção da linguagem ambiental de cinquenta atores, com apoio do método fenomenológico. Os resultados revelam que: a) a linguagem ambiental para o meio ambiente expressa mais o lugar de vivência; b) a relação cultura e ambiente estão imbricadas em distintas atividades, entre elas o banho no rio; c) a cultura é explicada pelo convívio presente da sociedade, dentre outros.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Linguagem Ambiental. Cultura. Flona do Tapajós.

Abstract: This article is the result of research carried out at Flona do Tapajós, in the Community of Maguari. This is a postdoctoral activity at Unioeste, in partnership with Ppgsaq of Ufopa, linked to Procad, with support from Capes. The main objective was to understand the perception of the environmental language of fifty actors, with the support of the phenomenological method. The results reveal that: a) the environmental language for the environment expresses the place of experience; b) the relationship between culture and environment are intertwined in different activities, including bathing in the river; c) culture is explained by coexistence in society, among others.

Keyword: Environment. Perception. Environmental language. Culture. Tapajós Flona.

1 Introdução

Conhecer a grandiosidade da Amazônia, representada em seus territórios, na beleza natural de seu ecossistema, de sua história, de sua cultura, na variedade linguística de seu povo – os indígenas, os ribeirinhos, os quilombolas, os extrativistas, de modo geral, os (as) amazônidas –

ECO-REBEL

tem movido o olhar de pesquisadores (as) em diferentes séculos, em diferentes décadas, em diferentes lugares e em diferentes áreas de conhecimentos.

Ao adentrar o universo da Amazônia brasileira, essencialmente em Unidade de Conservação Ambiental Federal, a Comunidade de Maguari, na Floresta Nacional do Tapajós¹, vivenciamos uma das experiências mais significativas de nossa atuação profissional. E mais, enquanto pesquisadora amazônida, além de educadora ambiental desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão na Amazônia, no oeste paraense, desde os anos 2000, e pertencente ao GEPEEA², da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), vínhamos discutindo e executando atividades que envolvem as questões do meio ambiente. Todavia, interessava-nos ampliar o universo de conhecimentos sobre as questões ambientais (expressa na forma da linguagem e da cultura), do povo amazônida, por entendermos que ainda há muito a se desvendar sobre a Amazônia no que diz respeito à linguagem ambiental, à cultura e às dificuldades de seu povo, vinculado no universo científico. Assim sendo, na pesquisa de Pós-doutoramento³ intitulada ***Linguagem, Cultura e Meio Ambiente: a percepção dos atores de Maguari, na Floresta Nacional do Tapajós, Amazônia, Pará, Brasil***⁴, levantamos os seguintes questionamentos: qual a linguagem sobre meio ambiente, do qual faz parte? Há uma relação deste meio ambiente com a cultura local? Quais são as atividades cotidianas que envolvem o meio ambiente? Como estas atividades são desenvolvidas? Quais os desafios do dia a dia que a população local enfrenta no meio ambiente?

¹ A Floresta Nacional do Tapajós é Unidade de Conservação – UC Federal da natureza localizada na Amazônia, criada através do Decreto nº 73.684, de 19 de fevereiro de 1974. Possui atualmente área de 527. 319 hectares. A UC abrange municípios de Aveiro, Belterra, Placas e Rurópolis, no Oeste do Estado do Pará. O objetivo da UC é o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas (Lei .9. 985/2000). O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio é o órgão gestor da Unidade (disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/flonatapajos/>>. Acesso em 06 de ago. de 2019).

² Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Oeste do Pará, é interdisciplinar, criado em 2016, cadastrado no CNPq.

³ Realizado no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Cascavel, Estado do Paraná, vinculado ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/Amazônia), mais especificamente ao Projeto articulador *Nas teias da Amazônia: sujeitos, identidade, territorialidades, linguagens e diversidades*, aprovado pelo Edital 021/2018 – CAPES/Amazônia. Este projeto configura-se como uma parceria acadêmica que aproxima, numa perspectiva interdisciplinar, dois Programas de Pós-Graduações da Região Norte brasileira, representados pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e uma instituição da região Sul, representado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), visando a consolidação de dois Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes (PPLSA/UFPA), Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ/UFOPA), e fortalecimento do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UNIOESTE).

⁴ Destacamos que a pesquisa foi autorizada pelo Sisbio (ICMBio), sob N° 68225-1, de 25/02/2019 e pelo Comitê de Ética com Parecer de N° 3.264.852, do dia 15 de abril de 2019.

ECO-REBEL

Como você percebe a importância do meio ambiente (natural e social) em uma Unidade de Conservação Ambiental? Tais indagações foram importantes para responder as principais hipóteses que corresponderam a nossa pesquisa: a) a linguagem ambiental está muito ligada às tradições culturais como: a arte, a pintura, a religião, a dança, dentre outras; b) o conhecimento de meio ambiente está associado a fatores naturalísticos, devido à escassez de conhecimento ligado às ações da sociedade em termos econômicos, políticos, educacionais, religiosos, etc.; c) a relação meio ambiente e a cultura local para os moradores limita-se aos aspectos conservacionistas, por estarem inteiramente vivendo em uma área de Unidade de Conservação Ambiental; d) a importância do lugar se dá pela vivência num ambiente natural e à prática da sustentabilidade.

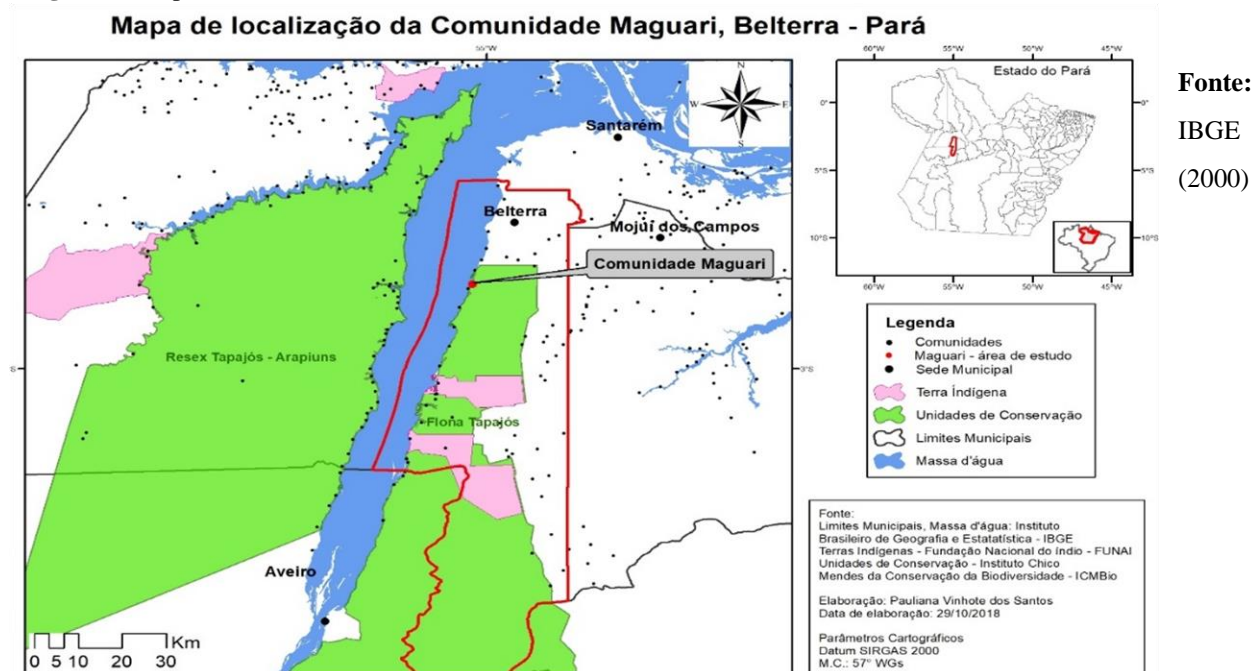
Definimos como objetivo principal compreender a percepção de linguagem ambiental associada ao processo cultural, a partir das multiplicidades de práticas realizadas por atores que vivem nessa Área de Unidade de Conservação Ambiental. Especificamente, propomo-nos a conhecer características socioeconômicas e desafios enfrentados pelos moradores da Comunidade Maguari, ao relacionar linguagem ambiental e cultura local; identificar seu entendimento sobre meio ambiente; se estabelecem relação entre meio ambiente e cultura local numa área de Unidade de Conservação; verificar os desafios cotidianos que a comunidade enfrenta em relação ao meio ambiente; e, por fim, refletir sobre a importância do meio ambiente (natural e social) em uma área de flona.

Frisamos que os dados levantados no estudo serão oportunos, do ponto de vista científico, pois poderão contribuir com pesquisadores e pesquisadoras que se interessam pelo tema averiguado, ampliando-se, assim, o conhecimento sobre atores que habitam a Floresta Nacional do Tapajós. Segundo o ICMBio (2019, p. 246) a Flona do Tapajós é hoje um dos sítios de pesquisa mais estudados da Amazônia, com o acúmulo de mais de quatro décadas de pesquisas voltadas para o entendimento dos processos ecológicos e interações entre seres humanos e a floresta amazônica. Do ponto de vista social, a pesquisa muito tem a contribuir com os conhecimentos da população local e de outras que habitam na Floresta Nacional do Tapajós, e tais conhecimentos poderão ser estendidos às futuras gerações dos habitantes, não somente de Maguari, mas também dos povos que habitam nas regiões circunvizinhas (Área de Unidade de Conservação Ambiental), na Amazônia.

2 Metodologia

A área de estudo de nossa pesquisa é Maguari, uma comunidade situada à margem direita do Rio Tapajós, na Floresta Nacional do Tapajós (Flona), no município de Belterra, oeste do Estado do Pará, e tem uma população composta por 96 (noventa e seis) famílias, com total de aproximadamente 432 (quatrocentos e trinta e dois) habitantes (ICMbio-MMA, 2019, p. 93). O acesso a Maguari, com saída do município de Santarém no Estado do Pará, pode ser feito por dois fluxos a saber: via fluvial, através do rio Tapajós, e via terrestre, pela Rodovia BR 163 - Cuiabá-Santarém (Figura 1).

Figura 1 - Representatividade do *locus* de estudo



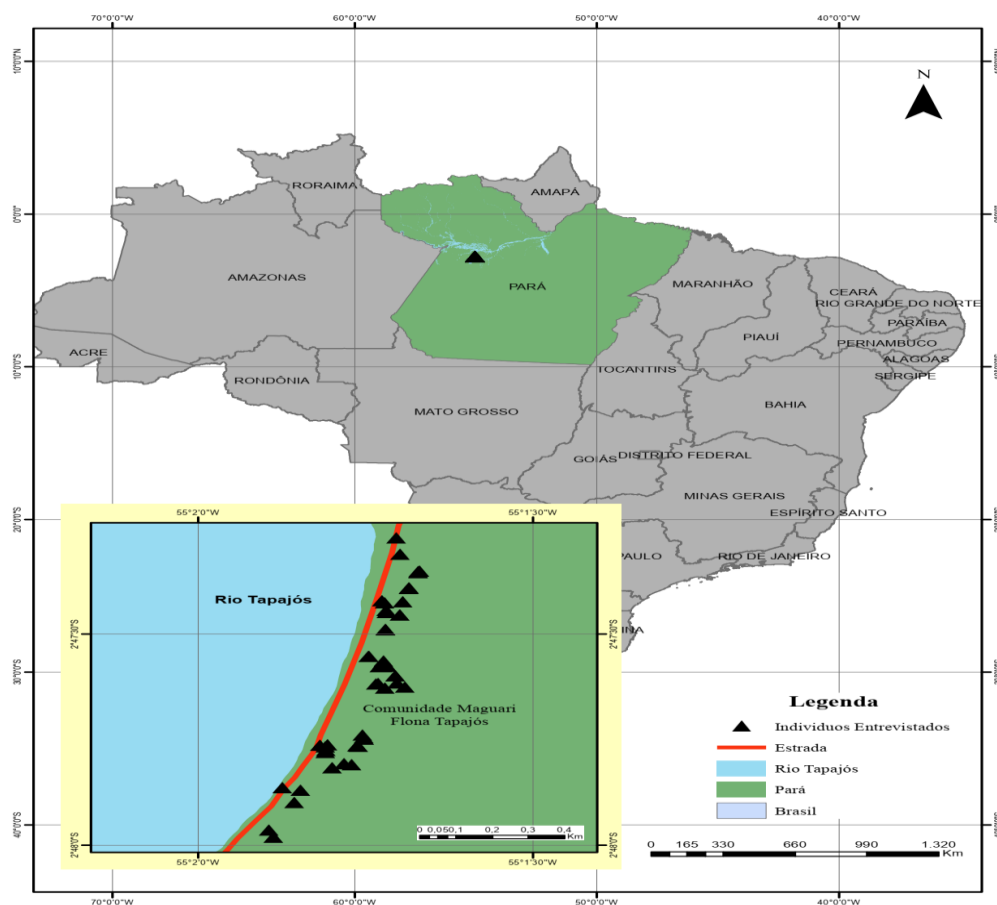
Quanto ao método da pesquisa, optamos pelo Fenomenológico, por se tratar de um estudo que está estritamente ligado à percepção (subjetividade) dos atores (comunitários). Gil e Silva (2015, p. 102) acenam que este método “se volta para o estudo do fenômeno, isto é, das coisas em si mesmas e não do que é dito sobre elas”.

Os participantes da pesquisa foram 50 (cinquenta) pessoas que vivem na Comunidade de Maguari, escolhidas de forma aleatória, numa faixa etária entre 20 (vinte) a 65 (sessenta e cinco) anos. Quanto à abordagem se amparou na qualitativa e quantitativa. No primeiro caso, optamos por extrair dados a partir da subjetividade dos participantes e, o segundo caso, permitiu-nos mensurar os dados subjetivos, transferidos para o Programa *Excel*, gerando percentuais expostos em gráficos para a realização das análises. Sobre os instrumentos empregados, realizamos

ECO-REBEL

entrevistas estruturadas, recorrendo a uma linguagem acessível, de modo que os participantes entendessem e pudessem responder de acordo com suas vivências e culturas. Destacamos que a comunidade foi avisada antecipadamente pelo seu representante acerca da realização das entrevistas, que ocorreram nos dias 01 a 05 de julho do ano de 2019 (já mencionado). A Figura 2 representa o *locus* de coleta das informações.

Figura 2 - Mapa do *locus* de coleta de dados



Fonte: IBGE, 2010, organizado pela pesquisadora (2019)

Sobre a compilação dos dados, seguimos o modelo de análise de Travassos (2004, p. 27-28), que se aproxima de análise de conteúdo, expressa da seguinte forma: inicialmente as falas dos participantes foram registradas uma a uma; em seguida, fizemos uma leitura criteriosa, agrupando as ideias que coincidiam, separando-as daquelas mais originais e das que fugiam do tema proposto. Para a questão da *percepção da linguagem ambiental*, optamos por buscar, nas falas dos entrevistados, seus entendimentos, para os quais estabelecemos como categorias de análise: o

entendimento de meio ambiente, a relação meio ambiente e cultura, atividades cotidianas e meio ambiente, desenvolvimento das atividades e meio ambiente, desafios e meio ambiente, importância do meio ambiente natural e social.

3 Resultados e discussões

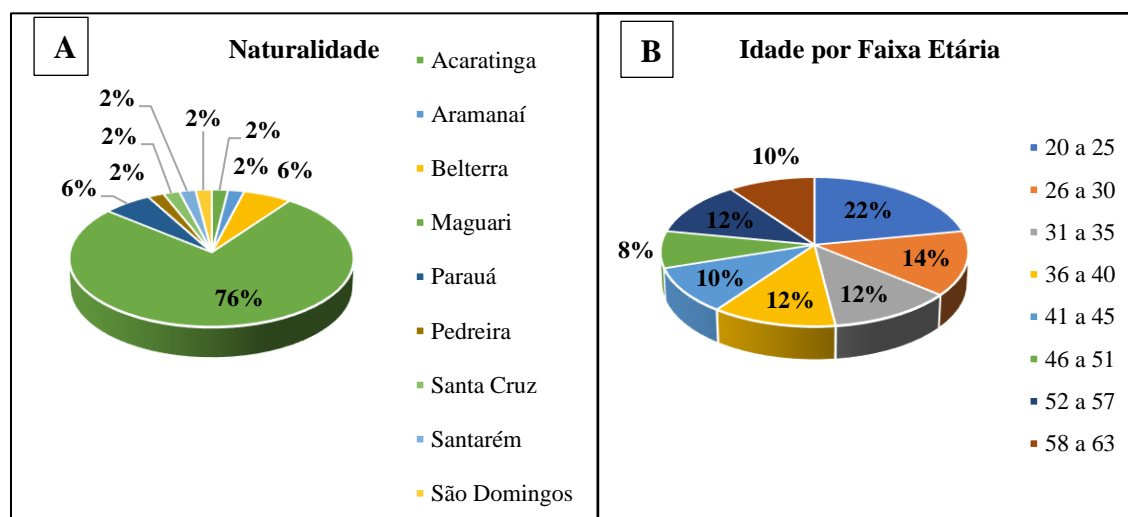
3.1 Análise do Perfil dos Informantes

As primeiras análises correspondem ao perfil dos entrevistados e 08 (oito) questões foram feitas: à naturalidade, à idade, ao sexo, à raça, à escolaridade, à religião, à profissão e ao estado civil. Quanto à naturalidade, a maioria dos informantes nasceu na própria comunidade de Maguari e uma pequena parcela é oriunda de Belterra e Parauá, seguida de outras localidades (Acaratinga, Aramanaí, Pedreira, Santa Cruz, Santarém e São Domingos), conforme registra a Figura 3A.

Estudo feito por Santos (2014, p. 48) revela que em Maguari, de um total de 146 (cento e quarenta e seis) entrevistados, 69% são moradores que ali nasceram ou são filhos de pessoas que moram no local, mas que saíram por algum tempo, tiveram seus filhos fora e depois retornaram. Muitos foram os motivos para decidirem morar ou retornar para a Comunidade Maguari.

No que se refere à idade dos informantes, estabelecemos o intervalo de 5 anos, no qual nitidamente a prevalência é da faixa etária de 20 a 25, equivalente a 22%, como pode ser comprovado na Figura 3B.

Figura 3 - A e B: representatividade da naturalidade e a idade por faixa etária dos participantes do estudo

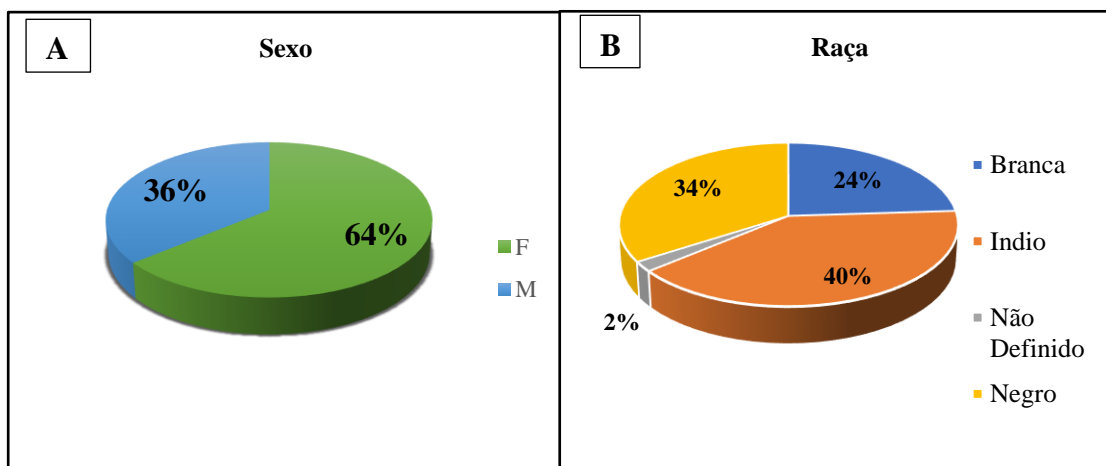


Fonte: Dados organizados pela pesquisadora (2019)

ECO-REBEL

Entre os pesquisados, a maioria 64% são mulheres e os homens atendem apenas 36% dos percentuais levantados. Quanto à raça, há expressividade para a índia 40%, seguido da negra 34% e branca 24%, apenas 2% não quiseram definir-se. Tais percentuais estão explícitos na Figura 4A e B.

Figura 4 - A e B: representação do tipo de sexo e raça dos moradores



Fonte: Dados constituídos pela pesquisadora (2019)

A incidência de 64% do sexo feminino pode estar relacionada ao fato de que, como as mulheres se encontram com mais tempo disponível em suas residências, se disponibilizaram mais para participar da entrevista, ao contrário dos homens, que normalmente saem cedo de suas residências para o trabalho. A pesquisa realizada por Santos (2014, p. 44), em Maguari, também registra o maior número de informantes do sexo feminino, com 55%, e o masculino com 45%.

Os dados da raça em Maguari podem ser relacionados ao povo indígena já existente e ao processo de migração ocorrido na comunidade em tempos remotos, o que corrobora com pesquisas de Santos *et al.* (2014, p. 42), quando acenam que as comunidades residentes atualmente na Flona resultam da miscigenação do povo indígena Tapajós.

É importante o registro dos antigos habitantes da Floresta Nacional do Tapajós, e, segundo relato registrado no IBAMA/MMA (2004, p. 291),

[...] Estudos arqueológicos contemporâneos atestam que a foz do Rio Tapajós foi densamente habitada antes da chegada dos europeus ao Brasil, e aí viveu durante muitos anos o povo indígena tapajó (NIMUENDAJU, 2001). Persistem inúmeras lacunas sobre a origem, a organização social e abrangência deste povo. Todavia, a análise de registros históricos do século XIV ao século XX indica que o povo Tapajó tinha um núcleo de ocupação que atualmente corresponde à região do bairro de Aldeia, em Santarém, até a vila de Alter do Chão, estendendo-se 370 km acima do Rio Tapajós, chegando até Itaituba

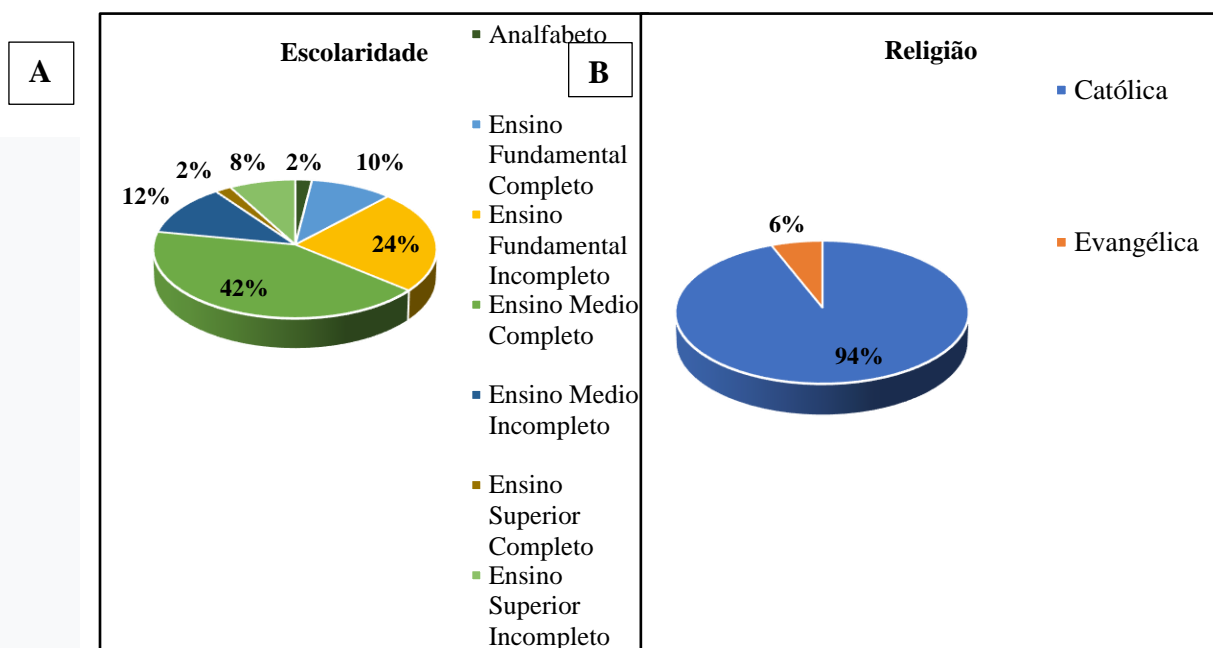
ECO-REBEL

(GUAPINDAIA, 1993). Assumindo esta hipótese, pode-se afirmar que o povo Tapajó está entre os mais antigos habitantes da área sobre a qual se assenta a Flona do Tapajós. [...]”.

Diante disso, os registros dos antigos habitantes e o processo de aculturação que se procedeu na região do Tapajós possibilitaram justificar os dados indígenas levantados quanto à identidade da raça na comunidade de Maguari.

No que diz respeito à escolaridade, registramos que 42% dos pesquisados possuem o ensino médio completo; 24% apresentam o ensino fundamental incompleto; 12% têm o ensino médio incompleto; 10%, o ensino fundamental completo; e 8%, o ensino superior incompleto. As menores percentagens representam os não alfabetizados e o ensino superior completo, com 2%, cada. A Figura 5A ilustra esses dados. Quanto à religião, sobressai a católica com 94%, em detrimento aos evangélicos, que aparece com 6% dos percentuais, conforme podemos visualizar na Figura 5B.

Figura 5 - A e B: resultados por escolaridade e religião



Fonte: Dados organizados pela pesquisadora (2019)

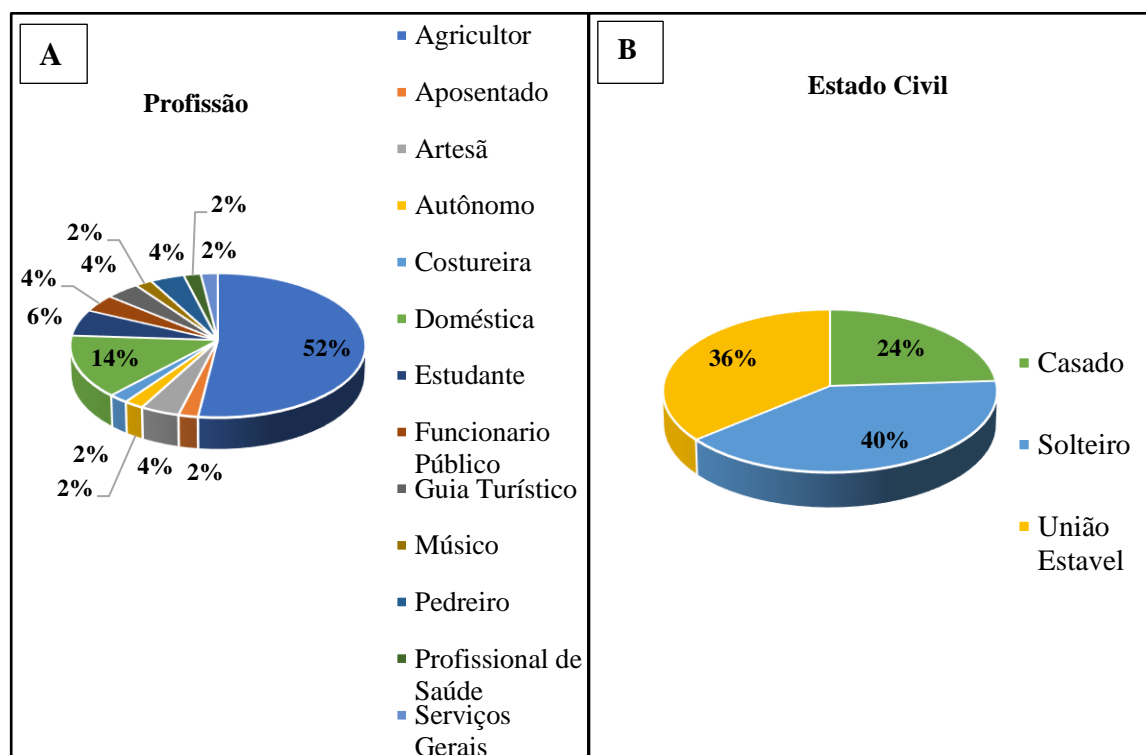
O dado “escolaridade” apresenta-se bem diversificado. Do total, apenas 42% dos entrevistados têm o ensino médio completo. Ao fazermos o comparativo com dados que norteiam a idade por faixa etária (Figura 3B) e escolarização (Figura 5A), observamos que o ensino médio completo se atribui aos mais jovens. A pesquisa de Santos (2014, p. 48) constatou que 63% já

ECO-REBEL

possuíam o ensino fundamental. Essa informação pode revelar que há uma continuação na educação dos jovens em Maguari, já que a maioria dos entrevistados por Santos (2014, p. 43) esteve na faixa compreendida entre 26 a 40 anos de idade, enfatizando os que trabalham.

Sobre a profissão, o maior percentual aplica-se aos agricultores (52%), seguido de doméstica 14% e estudante 6%. Já a classe de artesão, funcionário público, guia turístico e pedreiro concentra 4% cada uma, enquanto 2% corresponde à classe de aposentados, autônomo, costureira, músico, profissional da saúde e serviços gerais. A respeito do estado civil, sobressaem os solteiros com 40%, seguido de união estável 36% e apenas 24% são casados. Tais levantamentos podem ser vistos na Figura 6A e B.

Figura 6 - A e B: dados sobre profissão e estado civil



Fonte: Dados elaborados pela pesquisadora (2019)

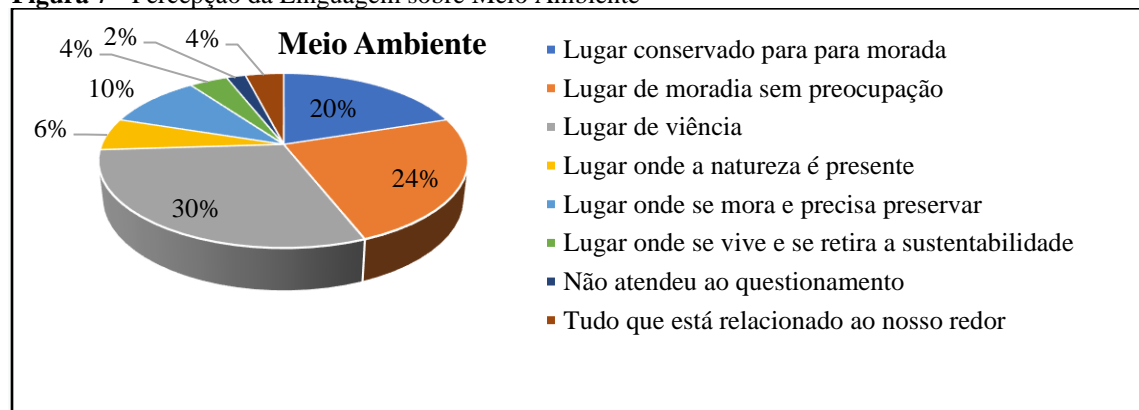
O maior percentual de agricultores sustenta-se na atividade predominante da comunidade que é a agricultura de subsistência, embora outras profissões também apareçam, mas com menores percentuais. Barros (2018, p. 76) afirma que no ano de 2016 realizou pesquisa em Maguari e, dos 26 entrevistados, 21 se declararam agricultor, o que leva a cremos que há anos a agricultura se estabelece como a maior atividade econômica na comunidade. Sobre a prevalência de 40% para

os solteiros (estado civil), podemos destacar que entre os entrevistados a maior incidência foi da classe jovem (faixa etária entre 20 a 25 anos). Já aqueles que declararam estar em união estável justificam-se por ainda não terem oportunidade de realizar o matrimônio oficialmente.

3.2 Relação entre linguagem e meio ambiente

As análises dos itens a seguir conduzem-se para a percepção da *linguagem ambiental* dos participantes, e que foram categorizadas da seguinte forma: meio ambiente, meio ambiente e cultura, desafios da população e meio ambiente, e meio ambiente natural e social. Perguntamos aos participantes o entendimento sobre meio ambiente e notamos que os diferentes enfoques atribuídos são resultantes daquilo que está ao alcance de suas observações e das experiências vividas e que se expressam no valor concreto de suas realidades, tido como “o lugar”, embora este lugar esteja sob distintos aspectos: a) como vivência 30%; b) sem preocupação 24%; c) conservado para moradia 20%; d) precisa-se de preservação 10%; e) natureza presente 6%; f) meio de sustentabilidade 4%; g) tudo o que está relacionado ao nosso redor com 4%; h) não atendeu ao questionamento 2%. Estes dados estão representados na Figura 7.

Figura 7 - Percepção da Linguagem sobre Meio Ambiente



Fonte: Dados organizados pela pesquisadora (2019)

É importante frisarmos que o conceito de lugar é polissêmico, mas o entendimento de lugar dos participantes significa o mundo deles, é onde realizam suas realidades e o convívio social. Santos (2008, p. 3014) salienta que cada lugar representa a sua maneira de ver o mundo. Dessa forma, Maguari é o mundo dos informantes, pois é ali que se processa a materialidade de contemplação de suas vidas e das vidas de suas famílias. Sobre a informação de 24% dos

ECO-REBEL

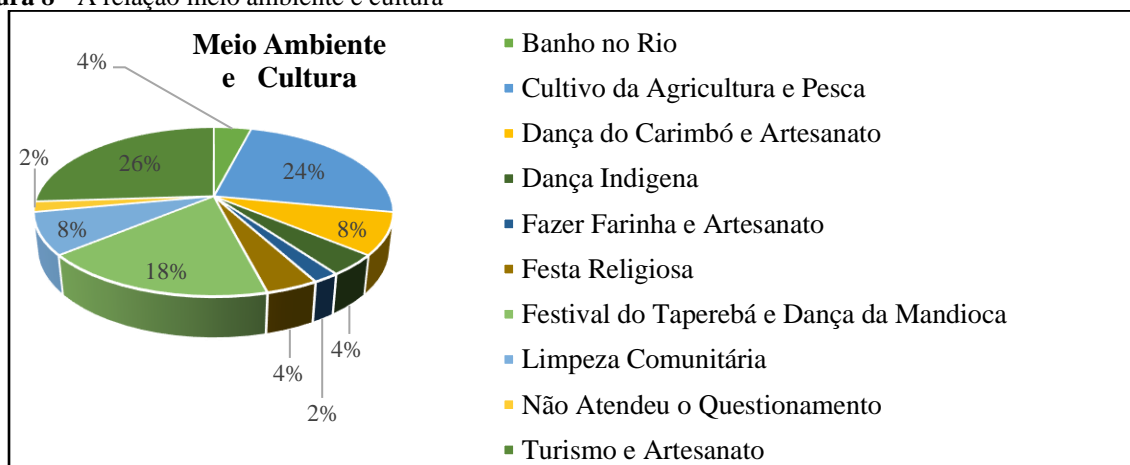
entrevistados que interpretam o lugar de morada como “sem preocupação”, observamos que se justifica pelo fato de haver fiscalização do ICMBio, que permite entradas de pessoas na Flona apenas com as devidas autorizações do órgão, fato este que garante a tranquilidade dos moradores. No tocante aos 4% dos informantes que entendem o meio ambiente (lugar) como tudo o que circunda os seres humanos, notamos aí que já percebem que meio ambiente não se vincula apenas ao meio físico natural, mas também ao meio social, onde acontecem as diferentes teias de relação de vida, um lugar associado ao trabalho diário e suas relações cotidianas, trabalho este calcado em técnicas rudimentares, mas que garantem o sustento das famílias.

Destacamos que a questão do meio ambiente é a tônica que está em voga em diferentes meios de comunicação, e nos discursos das arenas políticas das diferentes nações no Planeta, dado os inúmeros problemas ambientais e socioambientais que se têm vivido nas últimas décadas. De acordo com Reigota (2012, p. 34-35), o meio ambiente pode apresentar inúmeras definições, dependendo das fontes de consultas que se têm nas mãos, e cada ser humano pode ter seu próprio entendimento, cujas características estão influenciadas por seus interesses, pelas suas convicções e por seus conhecimentos científicos, políticos, filosóficos, religiosos, profissionais, dentre outros.

A respeito do meio ambiente associado à língua, podemos trazer a ecolinguística que, segundo Couto (2019, p. 11), está relacionada ao estudo das relações entre língua e meio ambiente, embora seja necessário definir o que se entende por língua, meio ambiente da língua, bem como por interações entre língua e seu meio ambiente. Entendemos, então, que a língua associada ao meio ambiente dos comunitários de Maguari se reveste da autoafirmação dos homens e mulheres amazônidas em seu ambiente natural, desencadeados a partir das relações interpessoais associando-se à sua própria cultura.

Para compreendermos a relação entre meio ambiente e cultura, para os informantes, indagamos: qual a relação do meio ambiente com a cultura local? Os dados expressam que os aspectos culturais se destacam da seguinte forma: a) turismo e artesanato, 26%; b) cultivo da agricultura e da pesca, 24%; c) festival do taperebá e dança da mandioca, 18%; c) dança do carimbó e artesanato, mais a limpeza comunitária, 8%; d) banho no rio, a dança indígena e a festa religiosa com 4% cada atividade; e) fazer farinha e artesanato 2%, e 2% não atenderam ao questionamento proposto. Estes percentuais podem ser vistos na Figura 8.

Figura 8 - A relação meio ambiente e cultura



Fonte: Dados organizados pela pesquisadora (2019)

Percebemos que a cultura relacionada ao meio ambiente em Maguari é representada de diversas formas, embora as mais acentuadas sejam o turismo e artesanato, 26%, o cultivo da agricultura e pesca, 24%, e festival do taperebá e dança da mandioca, 18%. Notamos aí uma relação com o viés da sustentabilidade, a partir dos recursos que a natureza disponibiliza para a manutenção da vida. Destacamos também a sustentabilidade como um conceito ligado ao desenvolvimento sustentável que vem ganhando destaque nas arenas políticas de diferentes governos do planeta, seja na esfera federal, estadual e municipal. Assim sendo, é cada vez mais importante que os seres humanos (re)pensem as atitudes frente a tantos consumismos dos recursos naturais existentes na Terra, morada da humanidade, para garantir a manutenção e o sustento da vida, necessitam, dessa forma, não utilizar os recursos naturais de forma inadequada, afinal nem todos estes recursos são considerados infinitos e podem vir à exaustão. À vista disso, todo cuidado com os recursos naturais é necessário para que futuras gerações possam usufruí-los, mesmo que estejamos atrelados ao sistema capitalista, no qual a cada dia há incentivos ao consumismo e o capital natural, muitas vezes, é utilizado sem precedentes a serviço de economias globalizadas e de grandes capitalistas.

A respeito da festa religiosa, do festival de taperebá e da dança da mandioca, estão ligados às datas comemorativas da sociedade e, normalmente, já fazem parte do calendário anual folclórico e religioso, atraindo pessoas circunvizinhas para reunirem-se junto aos atrativos. A dança, segundo Porpino (2012, p. 9), é uma manifestação cultural bastante significativa em nosso país. Na Amazônia, as músicas e as danças apresentam seu valor simbólico. O carimbó é um exemplo de arte musical popular da Amazônia. “Alinha-se, o carimbó entre bailados populares sem enredo

ECO-REBEL

verbal (...) que se estende por toda zona atlântica do Pará, salgado, com incidência ainda no Marajó e no baixo Amazonas” (LOUREIRO, 2015. p. 307). É certo que a dança e a música na região Amazônica, normalmente, expressam as raízes de seus antepassados aliadas às tradições do processo de miscigenação dos povos europeu, africano e indígena, sempre recheadas de fantasias, integrantes do folclore brasileiro, que se popularizam e são representadas pelas comunidades e escolas em épocas juninas, como a dança da mandioca e a do boto.

Um dado nos chama atenção, mesmo que a maioria dos indagados tenham se intitulado da raça indígena (40%, conforme Figura 4B), a tradição da dança indígena não se mantém entre os maiores percentuais levantados, aparecendo somente com 4% (Figura 8A), o que podemos entender como uma certa perda das tradições dos primeiros habitantes da comunidade. Sobre a cultura do povo, Larai (2001, p. 26) apresenta a contribuição de Kroeber [...]: “A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos [...]”. Ainda sobre a relação do meio ambiente com a cultura local, a ação conjunta dos moradores, ou seja, o fazer a “limpeza comunitária”, comparece na linguagem dos informantes (8%, na Figura 8). Ressaltamos que o cuidado com o meio ambiente é dever e direito de todos, destacado na atual Carta Magna Brasileira em seu Artigo 225: “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A questão dos rios, dentre outros recursos na Amazônia brasileira, tem uma significação importante para o Brasil, essencialmente para os amazônidas, pois, além de ser uma das fontes de seus sustentos, também serve como principal integração entre lugares, devido às dificuldades de rodovias que não oferecem condições apropriadas ao tráfego. Os rios amazônicos servem também como instrumento de lazer, como, por exemplo, “o banho no rio”, uma linguagem atribuída por 4% dos pesquisados (Figura 8), ação esta que representa um atrativo cultural, incorporado ao meio ambiente natural, no caso, o rio Tapajós com suas águas claras e transparentes, que se apresenta para o lazer com diferentes praias em distintos lugares circunvizinhos.

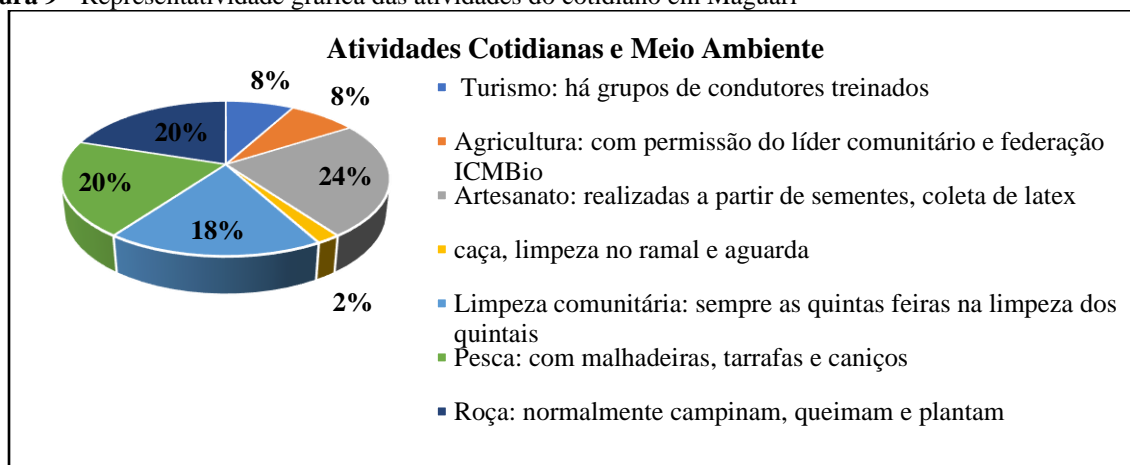
Quando perguntamos quais as atividades cotidianas praticadas no meio ambiente local, os resultados foram os seguintes: para 24% é o artesanato feito com sementes e de látex; para 20%, a pesca com instrumentos malhadeira, tarrafa e caniço; para 20% o roçado, que normalmente utilizam da prática de capina, da queimada e do plantio; para 18%, a limpeza comunitária, normalmente às quintas feiras; 8% estão vinculadas ao turismo com grupos treinados e 8% à

ECO-REBEL

agricultura, a partir da autorização do líder comunitário e ICMBio, e apenas 2% à caça em ramal, dados estes que podem ser vistos na Figura 9.

É notório que na Comunidade de Maguari as maiores rotinas se agregam à agriculturas associadas, a partir dos 20% dos dados levantados da roça, mais 8% das agriculturas utilizadas a partir das autorizações legais, que aglutinadas somam 28% das atividades. Estudos de Barros (2018, p. 80) registram que para 42% de 26 famílias entrevistadas em Maguari a agricultura circula como a principal atividade de geração econômica da comunidade. Santos (2014, p. 46) diz que é na agricultura “que a prática do pousio se conserva nas comunidades”, sendo que “primeiramente é realizada a queimada da área de plantio, e em seguida são retirados os tocos e faz-se um preparo do solo manual”; além de que “essa área é utilizada por um período de 5 a 10 anos e depois é deixada “descansando”. Durante o período de “descanso”, o agricultor abre um novo roçado e a área anterior regenera-se formando capoeiras”.

Figura 9 - Representatividade gráfica das atividades do cotidiano em Maguari



Fonte: Organizado pela pesquisadora (2019)

A prática das queimadas no processo da agricultura ainda é muito utilizada por parte dos agricultores na Amazônia brasileira, uma técnica artesanal, registrada por 20% dos informantes ao referir-se ao uso da roça. As queimadas deixam o solo desnudo, matam os nutrientes, afugentam as espécies que migram em busca de sobrevivência, além de causarem outras consequências danosas ao meio ambiente. Entendemos que os agricultores carecem de informações necessárias para evitar a prática da queima do solo, já que contribui para deixar este solo infértil e é um agravante ao meio ambiente. Sobre a atividade de turismo na Flona, vem ganhando expressividade o formato “turismo de base comunitária”. Em Maguari, um grupo de jovens, normalmente treinados, estão à disposição para atender aos visitantes, para mostrar os pontos turísticos da

ECO-REBEL

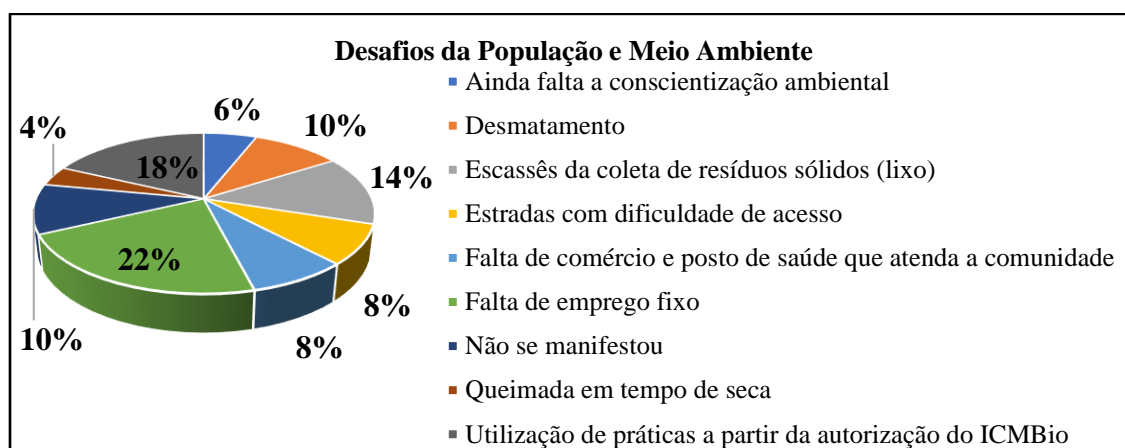
comunidade. Conforme o ICMbio/MMA (2019, p. 242), nas comunidades, o turismo de trilhas e praias está mais organizado nas três primeiras comunidades ao norte da UC (São Domingos, Maguari e Jamaraquá). Embora a modalidade de turismo praticada por estas comunidades da Flona do Tapajós seja de base comunitária, existem casos de pessoas que operam o turismo na região de forma autônoma, com apoio de operadores externos (principalmente de Alter do Chão), e que não beneficia as comunidades da Flona Tapajós. O exercício do artesanato também é uma prática rotineira dos moradores de Maguari, apontado na linguagem de 24% dos informantes da pesquisa e que, geralmente, é feito a partir de sementes e da extração do látex da seringueira - *Hevea brasiliensis*, os trabalhos manuais são transformados em diferentes artes, ainda de forma rústica, mais com uma beleza inigualável, colocadas à venda como forma de aglutinar a renda familiar.

Quanto à caça, esta é uma atividade que concentra esforços no sentido de buscar o sustento das famílias. Em áreas da Flona é permitida apenas para a sustentabilidade das famílias que ali residem. A pesca também é um dos recursos que garante a sobrevivência dos comunitários, feita a partir de instrumentos como a malhadeira, a tarrafa e caniço, que são lançados ao rio Tapajós e que permitem a aquisição de diferentes espécies de peixes e crustáceos, feitos no formato de cozido, assado e frito, um dos principais cardápios na mesa das famílias de Maguari. O pescador habitualmente fica atento à época da migração das espécies, para acentuar o movimento da pesca. A tarrafa, conforme Feitoza *et al.* (s/d, p. 1-2), “é um tipo de rede, seu tamanho é dado em ‘palmos’, ficando entre 12 e 16 palmos. [...]”.

Ao serem questionados sobre os maiores desafios enfrentados na Comunidade de Maguari, os integrantes da pesquisa destacaram a escassez de emprego fixo, 22%, e a necessidade de autorizações de práticas pelo ICMbio, 18%. Apontaram, ainda, a coleta de resíduos sólidos, 14%; o desmatamento, 10%; outros 10% não se manifestaram; estradas com dificuldades de acesso, insuficiência de comércio e posto de saúde, 8% cada, a não conscientização ambiental, 6%; e atividades de queimadas em época de seca 4%. Dados estes que podem ser visualizados na Figura 10. Embora a escassez de emprego fixo e as autorizações via prática do ICMbio estejam entre os maiores percentuais quanto a “desafios”, é sabido que atividades em Áreas de Conservação Ambiental estão respaldadas no Decreto nº 4.340, de 22 /08/2002, que regulamenta Artigos da Lei nº 9.985, de 18/07/200, e que precisam ser cumpridas.

ECO-REBEL

Figura 10 - Desafios encontrados pela população relacionados ao meio ambiente



Fonte: Organizado pela pesquisadora (2019)

Para a coleta de Resíduos Sólidos (RS), inferimos que a gestão comunitária precisa fomentar parcerias que promovam o exercício da educação ambiental, mas, para isso, deve passar, primeiramente, pelo ICMBio, pois é o órgão responsável pelas atividades da Flona. As ações de educação ambiental são necessárias em todo ambiente, onde as pessoas estejam presentes, no sentido de buscar soluções para tantos problemas ambientais, e a política dos 5 R's, que traduz o exercício de *repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar*, é um dos mecanismos que pode contribuir para superação dos RS existentes em Maguari, apontado por 14 % dos entrevistados. Muitos dos RS podem ser transformados em utensílios como fonte de sustentabilidade às famílias, a exemplo: vassouras, bancos, porta-lápis e lapiseiras, a partir de garrafas *pets*, agregados no formato de projetos à comunidade.

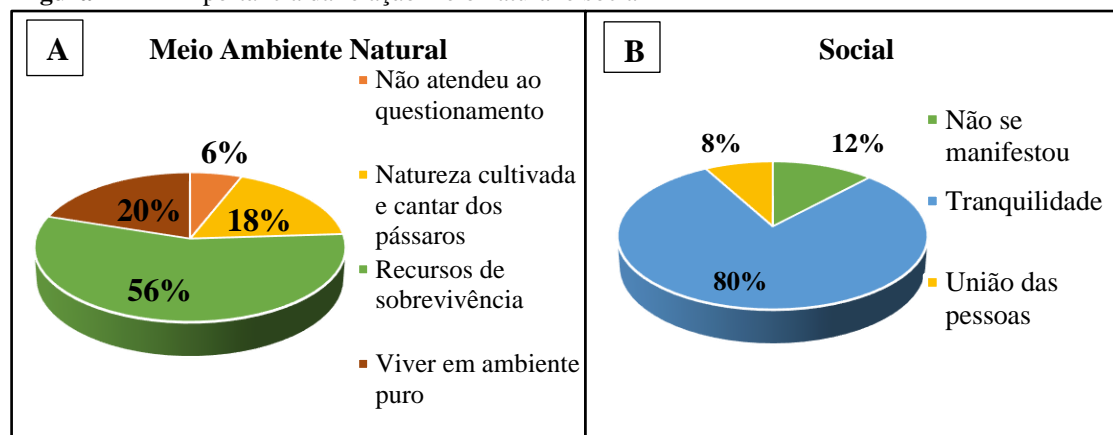
A Lei nº 12.305, de 2/08/2010, que trata da Política de Resíduos Sólidos no Brasil, em seu Artigo 8º, inciso VIII, trata do desenvolvimento da educação ambiental, considerada um dos instrumentos de sua política, bem como a Lei nº 9795 de 27/04/1999, que direciona a Política Nacional de Educação Ambiental em nosso país e assegura em seu Artigo 13, inciso IV, “a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação”. Além disso, atividades de educação ambiental podem ser o caminho para se atingir a conscientização ambiental dos seres humanos, já que 6% dos pesquisados acenaram que em Maguari ainda há escassez desta prática. A conscientização ambiental é importante no cotidiano da humanidade, visto que vivemos numa crise ambiental, cuja raiz é muito ligada ao modelo do sistema capitalista, que incentiva o consumismo das pessoas. Diante disso, precisamos ter a clareza de que os recursos que a natureza nos disponibiliza devem ser cuidados.

ECO-REBEL

Sobre práticas de desmatamento e queimadas, registramos que, na Amazônia brasileira, tais práticas têm sido nos últimos anos assunto constante na mídia em nosso país e na internacional. Trata-se de um desafio a ser superado pelas autoridades em diferentes escalas federal, estadual e municipal e pela própria comunidade. Em área de Flona, onde há autorizações para determinados fins, o desmatamento e as queimadas surgem como desafios, lembrados pelos 10% dos pesquisados quanto ao desmatamento e 4% às queimadas, o que inferimos que tais fatos precisam de mais investigações. Quanto às estradas em condições não apropriadas para se ter acesso à outras comunidades, compreendemos que as parcerias entre prefeitura, ICMBio e comunitários neste processo são bem pertinentes, já que as estradas muito podem facilitar a comunicação de pessoas próximas e precisam dar condições de acesso aos que ali residem. Os desafios identificados relacionados ao meio ambiente, por menor que seja, precisam ser superados, já que a relação meio natural e sociedade estão inteiramente entrelaçados.

Quanto ao levantamento sobre a importância do meio natural e do social, os dados revelaram, no que diz respeito ao meio ambiente natural, que 56% o compreendem como recursos de sobrevivência, 20%, vivências em ambiente puro, 18%, natureza cultivada, onde o cantar dos pássaros é presente e 6% não atenderam ao questionamento. Já para o meio ambiente social, 80% o interpretam como um lugar de tranquilidade, 12% não se manifestaram e 8% para a união das pessoas. Os dados podem ser visualizados na Figura 11A-B.

Figura 11 - A importância da relação meio natural e social



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019)

O meio natural, em uma área de conservação ambiental, garante recursos naturais como fonte de sobrevivência aos moradores, o que é expressado por 56% dos participantes indagados.

ECO-REBEL

Frisamos que, para tais recursos, precisa haver o exercício da sensibilidade e da conscientização ambiental das pessoas a utilizarem apenas o necessário as suas subsistências, garantindo, assim, que gerações futuras também possam usufruir destes recursos. É no ambiente natural que podemos encontrar um ambiente puro (20%), ouvir o cantar dos pássaros (18%), estar distante do ar poluído dos grandes centros urbanos, do estado de estresse, dentre outros elementos que afetam a qualidade de vida das pessoas.

Santos (2008, p. 235), ao se referir ao meio natural, afirma que:

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo.
Esse meio natural generalizado era utilizado pelo homem sem grandes transformações. [...].

Destacamos que o meio natural é a fonte de sustento das famílias em Maguari, enquanto o meio social é resultante das diferentes teias das interações humanas em que se processam. É a partir do meio social que as pessoas interagem com os outros nas diferentes atividades, seja nas relações de trabalho, de lazer, no econômico, dentre outras, e é compelido a residir com normas e regras impostas pela sociedade da qual fazem parte. Frisamos que os meios natural e social não são dissociáveis, estão inteiramente imbricados no convívio diários das pessoas, são importantes, pois são nestes ambientes que acontecem suas histórias de vida.

4 Conclusão

Destacamos a relevância desta pesquisa por compartilhar a linguagem ambiental de atores que integram uma comunidade da Flona do Tapajós, sendo, portanto, uma linguagem intrínseca ao ambiente natural vivenciada pelos informantes, que se expressa na forma da ação realizada a partir da agricultura, do artesanato, do turismo, da dança, do banho no rio, da religiosidade, do festival, da ajuda compartilhada, dentre outras, que se imbricam num processo cultural. Além disso, observamos que o meio ambiente aparece com maior intensidade na forma de “lugar”, um explicativo para vivência, para abrigo dos que ali residem, e que o conceito de meio ambiente ainda precisa ser ampliado pelos condicionantes que a sociedade vivencia no cotidiano, sob a ótica do aspecto educacional, cultural, político, econômico, religiosos, dentre outros, que integram o meio ambiente de forma local.

ECO-REBEL

No que tange à relação da cultura e meio ambiente, esta é explicada não pelas heranças dos antepassados dos moradores, mas sim a partir do movimento caracterizado pelo tempo presente do convívio social, que se expressa sob diferentes atividades, como no banho do rio, no ato de pescar, na união entre as pessoas, que se harmonizam no cotidiano da comunidade. Entendemos que a cultura é um fator indispensável às pessoas e que se processa nas relações coletivas em dado momento histórico. Percebemos que as atividades rotineiras da comunidade estão muito ligadas à questão da sobrevivência, no formato das práticas da agricultura, do artesanato, da pesca, do turismo, consideradas a base econômica para a subsistência das famílias.

À despeito dos desafios encontrados pelos moradores, notamos que ainda é necessário um trabalho, por menor que seja, para que se evitem os problemas, além de busca da sensibilidade ambiental com maior urgência, já que alguns moradores não atinaram para tal, com intuito de buscar uma total qualidade ao meio ambiente local. Ressaltamos para a importância do ambiente natural como fonte de sustentabilidade aos comunitários, a partir dos condicionantes da floresta e do rio, que proporcionam às famílias recursos sustentáveis e que precisam ser conservados e preservados, para que gerações futuras possam usufruí-las, enquanto o meio social ocorre nas relações sociais que agregam valores, regras para o convívio das pessoas na Flona.

Diante disso, observamos que o trabalho que realizamos pode muito contribuir para o conhecimento dos habitantes da Flona, bem como para os futuros estudos que tenham como objeto a Comunidade de Maguari, integrante da Floresta Nacional do Tapajós.

Referências

BRASIL. Constituição Federal Brasileira de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 22 set. 2019.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso: 03 out. 2019.

BRASIL. Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4340.htm>. Acesso em 07 dez. 2019.

BRASIL. Lei nº 9795 de 27 de abril de 1999. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso 07 out. 2019.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de Agosto de 2010. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12305.htm>. Acesso em 07 out. 2019.

ECO-REBEL

BARROS, Márcio Júnior Benassuly. Território, Natureza e População Tradicionais na Amazônia: o caso da Comunidade de Maguari, Belterra Pará. In: BARROS, M. J. B. (Org.). **Floresta Nacional do Tapajós: Território, economia, gestão e manejo de recursos naturais na Amazônia.** Org. Márcio Júnior Benassuly Barros. Santarém, Pará: UFOPA, 2018.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contatos de línguas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FEITOZA, Jéssica Daniela de Moraes; OLIVEIRA, Tiago Amaral de; BATISTA-LEITE, Luciana de Matos. Andrade. **Instrumentos de pesca utilizados pelos pescadores artesanais do município de Serra Talhada-PE.** S/d. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/r0279-1.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2019.

GIL, Antônio Carlos; SILVA, Suely Percínio. Moreira. O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, vol. 17, núm. 41, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil, 2015.

IBAMA/ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Floresta Nacional do Tapajós.** Plano de Manejo I, Informações Gerais, 2004. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/index.php/estantes/planos-manejo/976-floresta-nacional-do-tapajos-plano-de-manejo>>. Acesso. 01 nov. 2019.

ICMbio - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Flona de Tapajós ganha relevância global na área de pesquisa.** 2012. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/2565-tapajos-ganha-relevancia-global-na-area-de-pesquisa>>. Acesso em 13 de jan. de 2019.

ICMbio/ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Plano de Manejo-Floresta Nacional do Tapajós. **Diagnóstico**, Vol. 1, 2019. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/plano_de_manejo_flona_do_tapaj%C3%B3s_2019_vol1.pdf>. Acesso em 13 out. 2019.

LARAI, Roque de Barros. **Cultura: uni conceito antropológico.** Rio de Janeiro.14. Zahar, Ed. 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica - Uma Poética do Imaginário.** 5ª. Edição. Manaus: Editora Valer, 2015.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Dança e Currículo. In: **Dança na Escola: arte e ensino Ano XXII - Boletim 2 - Abril 2012.** Disponível em: <<http://www.ficms.com.br/web/biblioteca/Dan%E7a%20na%20Escola.pdf>>. Acesso em 03 out. 2019.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ECO-REBEL

SANTOS, Grace Rente dos; BARBOSA FILHO, José; COELHO, Lucyanna. Moura. Avaliação da Gestão da Floresta Nacional do Tapajós, Belterra-PA, na Percepção dos Moradores da Comunidade Maguari. In: **Revista Uniara**, v.17, n. 2, dezembro 2014.

SANTOS, Grace Rente dos. **Avaliação da gestão da Floresta Nacional do Tapajós, Belterra-PA, na percepção dos moradores da comunidade Maguari - Manaus**, 2014. 93f. il. color. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais – Universidade Federal do Amazonas, 2014. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4433>>. Acesso: 27 set. 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TRAVASSOS, Edson. Gomes. **A prática da educação ambiental nas escolas**. Porto Alegre-RS: Mediações, 2004.

Aceito em 08/04/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 2, 2021.